

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE POLÍTICAS PÚBLICAS E GESTÃO
EDUCACIONAL- MESTRADO PROFISSIONAL

Operacionalização e Caracterização de Práticas Colaborativas na escola



AUTORAS: DINARA PATRÍCIA MATTANA
LEANDRA BÔER POSSA



Ficha Catalográfica

Mattana, Dinara Patricia
Operacionalização e Caracterização de práticas
colaborativas na escola / Dinara Patricia Mattana.- 2023.
13 p.; 30 cm

Orientadora: Leandra Bôer Possa
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em
Políticas Públicas e Gestão Educacional, RS, 2023

1. Produto Técnico - Tecnologia social 2. Práticas
Colaborativas 3. Escola Inclusiva 4. Espaços e tempos
escolares 5. Experiência com a escola I. Bôer Possa,
Leandra II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo
autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca
Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, DINARA PATRÍCIA MATTANA, para os devidos fins e sob as penas da
lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso
(Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias
objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente
referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi
apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau
acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração
poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras
consequências legais.





Sobre as autoras



DINARA PATRÍCIA MATTANA - Possui graduação em Educação Especial - Licenciatura Plena, graduada pela Universidade Federal de Santa Maria (2015). Pós-Graduação em Gestão Educacional - UFSM (2016). Graduação em Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa (Unifacvest) (2021). Professora de Atendimento Educacional Especializado - AEE na Prefeitura Municipal de Santo Ângelo. Acadêmica do Mestrado Profissional em Políticas Públicas e Gestão Educacional - UFSM, sob orientação da Professora Leandra Bôer Possa. Participante do GEPE - Grupo de Pesquisa em Educação Especial e Inclusão, sob a orientação da Prof.^a Dr. Leandra Boer Possa -UFSM

LEANDRA BÔER POSSA - Possui graduação em Educação Especial - Licenciatura Plena pela Universidade Federal de Santa Maria (1993), Mestrado em Psicopedagogia - Universidad de La Havana (2001), Mestrado em Educação - Fundamentos da Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (1997), bolsista CNPq e Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (2013) . Realizou Estágio Pós Doutoral em Políticas Públicas de Educação e Educação Comparada na Universidade de Valencia, Espanha (2016-2017), bolsista CAPES. Atualmente é professora associada da Universidade Federal de Santa Maria, no Departamento de Educação Especial, Programa de Pós Graduação em Educação e Programa de Pós Graduação em Políticas Públicas e Gestão Educacional. Experiência na área de Educação, com ênfase nas linhas de pesquisa de Políticas Públicas em Educação, Educação Especial, Produção de sujeitos na contemporaneidade e Formação de Professores, na perspectiva analítica de inspiração pós-estruturalista. Líder do Grupo Institucional GEPE/UFSM





Apresentação

A escola inclusiva encontra nas práticas colaborativas uma possibilidade de reinvenção. Este material toma os processos de formação e a constituição de práticas colaborativas na perspectiva inclusiva da escola, sendo desenvolvido e inserido na produção do Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Gestão Educacional e do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Especial e Inclusão – GEPE/UFMSM.

A partir do movimento de compreender e analisar cenas de um ciclo formativo e suas características como práticas colaborativas nos espaços e tempos escolares de uma escola que vem se produzindo na perspectiva inclusiva, buscou-se identificar características que constituem práticas colaborativas na escola inclusiva.

As práticas colaborativas se gestam nos detalhes dos encontros e acontecimentos em que as pessoas estão implicadas com o acidental, aleatório, improvável, circunstancial, singular e temporal.

Esse livreto é um produto do tipo tecnologia social e tem o intuito de ampliar os sentidos e significados às práticas colaborativas na escola, bem como indicar possibilidades de operacionalizá-las e caracterizá-las.



Práticas Colaborativas

Partindo de um ciclo formativo na perspectiva da criação e invenção de práticas colaborativas concebeu-se um processo de formação no interior da escola sendo ele espaço de ativismo para refletir, pensar e agir tendo como referência a problematização do que se faz com nós mesmos e com os outros, considerando a capacidade de, na escola, produzir saberes a partir das experiências.

O processo formativo é operado para mobilizar outros modos de agir de forma colaborativa, considerando que a presença do outro modifica a cada um e também transforma os modos como cada um se relaciona com os outros, como colaboram juntos colocando o outro como referência da atuação da escola.

Pensar na escola inclusiva operacionalizada para um ciclo de práticas colaborativas (entre gestores, professores da educação básica e professora de educação especial) direciona a perceber as características das práticas colaborativas e, com isso, contribuir para o fazer escolar mobilizado pelos modos singulares em que se criam meios de fazer inclusão.

A construção de práticas colaborativas na escola, portanto, exige a possibilidade do encontro. Encontro entre professores, entre áreas, entre gestores e professores, entre pessoas e espaços, entre pessoas e tempos escolares e, é nos detalhes desses encontros que se pode ressignificar o conhecimento e construir uma prática contextualizada, que se constitui a partir dos encontros, pelas conexões estabelecidas.

Nesse sentido, nos espaços e tempos escolares o encontro produz relações constituintes das experiências de produzi-los. Tempos e espaços para o encontro com e entre colegas que, como profissionais, que coletivamente podem inventar a escola inclusiva.



Práticas Colaborativas

Por prática compreende-se tudo aquilo que acontece e que produz algo no mundo, não é apenas uma ação isolada, mas é aquela capacidade de produzir em pensamento determinadas coisas e de realizar estas coisas para que elas passem a ter existência no mundo. Nesse modo, de entender as práticas, elas podem ser objetivas e subjetivas, sendo uma forma de pensar e agir no mundo, que emergem de um ponto de partida, qual seja: pensar o que fazemos sobre o mundo, com o mundo e com os outros.

Nesse sentido, colaboração significa fazer junto, estar junto, construir junto, mobilizar junto e, como o ser humano não vive isolado e sozinho, ele se constitui através das relações com o outro e com o mundo, no encontro com os outros, isso nos leva à percepção de que as práticas sempre estão acompanhadas pela colaboração.

No contexto da escola, práticas colaborativas vão significar a produção de um processo escolar que se estabelece na relação com os outros, buscando contribuir a si mesmo e aos outros, dentro do que é normatizado pelas políticas e normas da escola e por outras produções e invenções que somente este cotidiano singular possibilita. Tendo em vista todos esses aspectos, se as práticas colaborativas se constituem da relação com os outros, elas o são com tudo, e podem ocorrer em todas as áreas e não somente da relação do professor da sala regular com o professor da educação especial, mas deles com a gestão, a comunidade e estudantes.

Princípios para Práticas Colaborativas



Os princípios tomados para as práticas colaborativas são: **Compartilhar, Dialogar, Protagonizar e Corresponsabilizar.**

Sistematizando possíveis características para as práticas colaborativas:

- a) os profissionais precisam ser competentes em suas áreas de formação e atuação garantindo as melhores condições de informação e saberes para a resolução de problemas e decisões compartilhadas a serem tomadas;**
- b) compartilhar exige informações, saberes, recursos, ferramentas e estratégias que, em diálogo, se somam e constituem um planejamento;**
- c) dialogar e, principalmente, escutar e perceber com os outros as possibilidades de um serviço que considera aqueles a quem se destina;**
- d) os problemas e desafios sempre são complexos e não param de exigir modificações;**
- e) a integralidade dos sujeitos e das instituições só podem ser consideradas em um trabalho colaborativo de cuidado e atenção às pessoas;**
- f) colaborar não é disputar;**
- g) colaborar é, juntos, pensar soluções compartilhadas que afetam a todos;**
- h) colaborar é uma possibilidade de conhecer a nós mesmos e aos outros;**
- i) na colaboração todos exercem o protagonismo em diferentes tempos e espaços;**
- j) colaborar exige recursos, ferramentas e estratégias novas, exige outras habilidades que, às vezes, precisam ser estudadas, criadas, desenvolvidas;**
- k) a atitude crítica e reflexão se dá para conosco mesmos, mediados pelos pares e pelos outros que protagonizam a problematização e os desafios juntos, e assim todos se comprometem com a ação.**

Práticas colaborativas na escola: sentidos e significados

Nas práticas colaborativas, compartilhar exige informações, saberes, recursos, ferramentas e estratégias que, em diálogo, se somam e constituem um planejamento.

As práticas colaborativas precisam de um ambiente que substitua a disputa pela colaboração.

Colaborar é, juntos, pensar soluções compartilhadas que afetam a todos.

Práticas colaborativas se fazem no dialogar e, principalmente escutar e perceber com os outros as possibilidades de um serviço que considera aquele a quem se destina.

Colaborar é uma possibilidade de conhecer a nós mesmos e aos outros

Na colaboração todos exercem o protagonismo em diferentes tempos e espaços

As Práticas colaborativas só serão colaborativas se a integralidade dos sujeitos e das instituições consideram que seu trabalho é sempre o cuidado e atenção às pessoas.

Nas Práticas colaborativas a atitude crítica e reflexão se dá para conosco mesmos mediados pelos pares e pelos outros que protagonizam a problematização e os desafios juntos, com, e assim todos se comprometem com a ação.

Para as práticas colaborativas, os problemas e desafios são sempre complexos e nunca param de exigir modificações para a solução deles.

Colaborar exige recursos, ferramentas e estratégias novas, exige outras habilidades que, às vezes, precisam ser estudadas, criadas, desenvolvidas.

Nas Práticas colaborativas os profissionais precisam ser competentes em suas áreas de formação e atuação, garantindo as melhores condições de informação e saberes para a resolução de problemas e decisões compartilhadas a serem tomadas.





Operacionalização de práticas colaborativas na escola

- Percepção dos detalhes, desafios e corresponsabilidade para a tomada e execução de decisões na coletividade.
- Criação de espaços e tempos para que cada um se mostre em seus saberes e não-saberes, compartilhe.
- Reconhecimentos do caminho colaborativo como escolha individual (reflexão e constituição) em que se escolhe o coletivo.
- Desnaturalização do cotidiano - nada está desde sempre aí, tudo é produção e, por isso, as coisas, pensamentos, relações e ações podem ser mudadas com as práticas colaborativas.
- Criação de espaços e tempos de diálogo (sejam todos juntos, sejam em tempos diferentes, em que todos possam se escutar, se ler, se sentir como o outro e como si mesmo).
- Criação de espaço e tempo de encontro com os locais de trabalho, com os outros, com a escuta e reflexão do que o outro promove em mim e no coletivo.
- Permissão para que se possa demorar observando os detalhes de tudo o que se faz na escola e o que se pode continuar pensando depois de cada encontro.
- Criação de encontros que impactam, por isso, gestar acontecimentos que não podem ser os mesmos, dos mesmos. Produção de estratégias e recursos, estar e interagir em uma atividade mediados por ferramentas que potencialmente inspirem para a necessidade de colaboração do outro.





Características de práticas colaborativas na escola

Trocar sensações, percepções, angústias, resultados compartilhados de coisas que deram certo e que deram errado.

Trocar mensagens, textos, cartas...

Visibilidade para algo novo, inédito, potente e não para aquilo que nos faz naturalizar.

Necessidade de se apresentar para o outro, mostrar-se, ver o outro naquilo que ele se mostra e não no que imaginamos dele.

Compartilhar em outros tempos e espaços.

parceria em forma de criação de laços com os outros a partir dos objetivos de cada um e na percepção deles, tendo em vista que os outros também querem conhecer o que de melhor e pior acontece.

Cumplicidade, confiança e corresponsabilidade.

Diálogo honesto, trocas contínuas, sinceras e desafiadoras. impactar, tornar desconfortável o já sabido.

Escutar e compreender a necessidade do outro e ajustar ações coletivas para a inclusão de todos.

Vincular-se a um grupo de pessoas em que sinto estar colaborando e recebendo colaboração.

Choque de realidade e desacomodação.

Avaliação, repensar as ações, reavaliação.

Demandam processo contínuo e constante.

Insight, aquela luz no final do túnel que precisou ser percorrido, aquela "virada de chave".



A possibilidade de Ciclos de práticas colaborativas na escola

Diante da sistematização de possíveis respostas às perguntas sobre como operacionalizar um ciclo de práticas colaborativas na perspectiva da constituição de uma escola inclusiva e sobre quais as características que constituem as práticas colaborativas na escola inclusiva é possível, ainda, dizer que as práticas colaborativas se constituem em ciclo, período e espaços em que um delimitador ajuda a reflexão crítica sobre as transformações que acontecem, um *cyclus*, um certo período.

Um Ciclo de Práticas Colaborativas é uma proposta que se planeja para acolher momentos espontâneos que emergem na cotidianidade da escola, desafios que são trazidos e ou observados nas relações entre professores, gestores, técnicos, alunos (todos e cada um, estudantes público-alvo da educação especial), com as famílias e com a comunidade. Um ciclo de práticas colaborativas para denominar uma experiência colaborativa, caracterizado por um período que termina quando retorna a um início outro. Ciclo que não retorna sempre ao mesmo início, mas retoma-o para gerar outros potenciais ciclos com outros desafios que surgem na cotidianidade da escola.



Empatia
Impactar
Desacomodar
Diálogo
Compartilhar
Práticas Colaborativas
Trabalhar junto
Inspiração
Encontro
Reavaliar

Impactar, como aquilo que produz um efeito muito forte em alguém, que atravessa, afeta e gera desejo de mudanças, que move, impulsiona, busca outros modos de ser e estar nos tempos e espaços da escola.

Desacomodar, deixar aquilo que perturba vir à tona e movimentar.

Encontro para estar com o outro que nos faz planejar e esperar o momento de compartilhar.

Diálogo, que torna as relações musicais e sonoras, que expressa dúvidas, afirmações, que mexe com nossos pensamentos.

Compartilhar, trabalhar junto, se inspirar com os outros.

Reavaliar, ver e rever as rotas, estabelecer novos processos, repensar os próximos passos, replanejar.

